

O futebol no Brasil

reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios

Gilmar Mascarenhas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MASCARENHAS, G. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios

Gilmar Mascarenhas

Introdução

Ao longo da primeira metade do século XX, o futebol se disseminou completamente pelo Brasil, tornando-se fator de integração territorial e um dos mais poderosos elementos definidores da nacionalidade. Para aquilatar um pouco da sua importância e ubiquidade, basta um mirar panorâmico sobre qualquer porção de seu vasto território. Mesmo nas mais remotas regiões, notar-se-á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial de nosso *ecúmeno*: um pequeno templo católico e um campinho de futebol.

Costuma-se dizer que a capela pode eventualmente faltar, pois haverá sempre aquela outra do povoado mais próximo. Mas não o campinho, lugar de animado encontro regular domingueiro, centralidade que comparece como unidade básica referencial na vida de relações.

O presente capítulo pretende abordar o futebol, este vigoroso agente produtor de paisagens, tradições e identidades, seu significado e expressão na cidade. Uma forma simbólica que, desde sua introdução e difusão no urbano brasileiro nas primeiras décadas do século XX, vem apresentando intensas transformações, efetivamente combinadas à dinâmica mais geral da sociedade.

Inicialmente, o futebol no Brasil se estabeleceu como uma prática circunscrita a empregados de firmas britânicas e a certos jovens da elite, desejosos de adotar aspectos “civilizadores” do modo de vida europeu. Uma atividade discreta que se espacializa apenas esporadicamente em parques públicos, praias e praças. Posteriormente, com a popularização do futebol, e o concomitante advento do profissionalismo, se disseminam os estádios, equipamentos erigidos exclusivamente para a prática deste esporte, e que atuam como lugar fundamental na construção e reprodução de identidades sociais. (Hughson, 1998, p. 407)

Os estádios, que pretendemos pensar enquanto *paisagem-marca* (Berque, 1998) da magnitude do futebol, apresentam uma trajetória de mudanças, em seu porte, ou em termos de localização, arquitetura e significado. Enquanto paisagem, não apenas têm sua inscrição formal na configuração do território, mas precisam se reproduzir através de rituais públicos regulares. (Cosgrove, 1998, p. 115) Tal função nos estádios é cumprida pelos duelos clássicos entre grandes clubes rivais, que periodicamente aglomeram multidões e condensam tensões e conflitos identitários, compondo o calendário festivo e cultural local. Na cidade de Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul¹), Grêmio e Internacional são os clubes que cumprem este papel.

Fundados na primeira década do século XX, Grêmio e Internacional apresentam uma trajetória plena de construção de identidades e, por con-

1 O Rio Grande do Sul é um dos 26 estados que formam a Federação Brasileira, e situa-se no extremo sul do país.

seguinte, das alteridades, densamente relacionadas a lugares e grupos sociais. Enquanto entidades rivais e de ampla penetração social, convergem para si praticamente todas as tensões e identidades que permeiam a evolução da sociedade gaúcha no transcorrer do século, forças que se expressam no simbolismo da paisagem produzida.

O capítulo se divide em três segmentos. No primeiro, tecemos brevemente nossos pressupostos teórico-metodológicos, buscando enquadrar o fenômeno futebol como forma simbólica dotada de expressões identitárias e produtora de paisagens. Na segunda parte, tratamos do processo de popularização do futebol no Brasil, que produziu a paisagem urbana de grandes estádios, bem como sua base geográfica, marcada pela forte influência local, a condicionar o contexto de formação de identidades em torno dos clubes. A terceira parte, a mais extensa, analisa o caso da cidade de Porto Alegre e seus dois principais clubes de futebol como síntese de conflitos ou ambiguidades identitárias no interior da sociedade. Destacamos a paisagem mutante do futebol, este universo de práticas e representações que evolui e se transforma profundamente no transcorrer do século XX.

Identidades e paisagens do futebol: breves notas

O conceito de paisagem cultural emerge com vigor nos anos 1980, no contexto da virada cultural da geografia, mas, de acordo com Andreotti (2007, p. 23), permite ainda um número infinito de interpretações. Vejamos como aplicar tal conceito ao estudo do futebol e mais precisamente de seus estádios. Devemos antes registrar que o fato esportivo ainda não foi devidamente incorporado a estudo geográfico, condição que dificulta nossa aventura. Mas encontramos suporte em Augustin e Dupont (2006, p. 4), que afirmam a necessidade de inserir, no estudo das culturas urbanas,

pratiques ludo-sportives qui participent largement a d'autres imaginaires urbaines. Les foules se rassemblent dans les espaces publiques ou dans les cathédrales de béton pour participer hors du temps profane à des célébrations multiples.

Segundo Cosgrove (1998, p. 98), a paisagem é, mais que um objeto tangível, uma maneira de ver o mundo. Entendemos que a principal forma/paisagem no futebol moderno é o estádio. Um estudo de geografia cultural deve, pois, abordá-lo não apenas como um grande equipamento dotado de uma poderosa semiótica, mas como conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o re-significam.

Muito pouco se estudou geograficamente sobre os estádios, não obstante sua ubiquidade no mundo contemporâneo.² A própria relação entre futebol e cidade permanece repleta de lacunas (Mascarenhas, 1999b). Em Porto Alegre, nos chama atenção o fato de a dimensão identitária do estádio de futebol adquirir maior intensidade, devido a uma particularidade local no contexto brasileiro: os dois grandes clubes rivais possuem seus estádios próprios, equipamentos de porte semelhante ao dos grandes estádios públicos brasileiros, tais como Maracanã, Mineirão, Pacaembu, Fonte Nova, Castelão, Rei Pelé etc. No caso portoalegrense, o simbolismo do estádio como paisagem está fortemente imbuído de identidade clubística.³

Segundo Berque (1998, p. 86), trata-se de compreender a paisagem de dois modos: enquanto marca e matriz. A paisagem é uma marca enquanto expressão da civilização, mas é também matriz, pois influencia o olhar e a ação:

Por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc., e por outro, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política etc.

2 O maior estudioso do assunto é o geógrafo inglês John Bale, ora analisando a inserção dos estádios no espaço urbano (Bale, 1993), aplicando princípios da topofilia para estudar a experiência humana em interior (Bale, 1994), ou ainda fazendo sombrias projeções para o futuro dos estádios (Bale, 1998). Antes dele, Armand Frémont (1980) foi um dos primeiros geógrafos que trataram efetivamente dos estádios de futebol, recorrendo a uma análise da configuração de seu espaço interno. Jean-Pierre Augustin (1995) deles tratou ao analisar os lugares e equipamentos esportivos na França. Na geografia brasileira, há bem poucas iniciativas, tais como Gaffney e Mascarenhas (2006) e Mascarenhas (1999b).

3 Conceito trabalhado pelo etnógrafo francês Christian Bromberger (1998) e aplicado por Damo (1998) ao caso gaúcho, isto é, ao Rio Grande do Sul.

Tomamos os estádios como portadores de importantes conotações simbólicas, conforme percebeu Costa (1987), que definiu-os como novos espaços institucionais capazes de mobilizar uma nação inteira e cada indivíduo a seu modo. Podemos também atentar para a monumentalidade do objeto e a recorrente divisão de “classes” no seu interior: elite e autoridades na tribuna, setores médios nas cadeiras e o povo aglomerado em pé, na parte inferior do estádio, com péssima visibilidade do campo de jogo. (Gaffney; Mascarenhas, 2006) Armand Frémont (1980) já havia realizado observações desta natureza, examinando a distribuição interna dos segmentos sociais nos estádios, a partir de um enfoque humanístico.

Sem necessariamente adentrar pela iconografia, podemos efetuar uma leitura simbólica do estádio a partir da tipologia de paisagens que nos sugere Denis Cosgrove (1998). E assim indagar a possibilidade de vê-lo como uma paisagem da “cultura dominante”, isto é, a que exerce controle sobre os meios de vida, com “capacidade de projetar e comunicar [...] uma imagem do mundo consoante com a sua própria experiência” (a da classe dominante). (Cosgrove, 1998, p. 111) Por outro lado, podem ser paisagens de expressão e defesa de identidades regionais, como há décadas se verifica entre bascos e catalães, na Espanha. Enfim, devemos “duvidar da paisagem”, vale dizer, duvidar de seu discurso dominante. (Berque, 1994, p. 13)

No próximo segmento, tentaremos aplicar e considerar tais conceitos e preocupações teóricas, ao analisar a trajetória mutante do futebol no Brasil.

Paisagens e identidades do futebol brasileiro

O futebol se tornou, no Brasil, muito mais que mera modalidade esportiva. Sua rápida e profunda disseminação propiciou-lhe a condição de elemento central na cultura brasileira. Constitui o futebol um amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados, com densa impregnação na paisagem urbana. Mas para atingir este grau de complexidade e magnitude, percorreu uma longa trajetória, desde os primeiros contatos da sociedade brasileira com esta prática esportiva,

nas últimas décadas do século XIX, sobretudo através das redes do imperialismo britânico.

Desnecessário argumentar sobre o imenso poderio da Inglaterra na segunda metade do século XIX. Entre 1881 e 1901 (portanto em plena onda da difusão do futebol), aproximadamente cinco milhões de pessoas deixaram o Reino Unido para iniciar nova vida no exterior (Birley, 1995, p. 153), levando consigo uma cultura e a pretenciosa convicção de pertencer ao povo mais civilizado e progressista do planeta. Esta quase onipresença da civilização britânica pelo mundo favoreceu amplamente a difusão dos esportes modernos por ela engendrados, conferindo um traço de unidade cultural ao vasto império, conforme atesta o estudo de geografia colonial de Demangeon (1938, p. 148). É notável que a liderança inglesa neste processo tenha levado à difusão de todo um vocabulário próprio que se impôs nos demais países.

No alvorecer do século XX poucas cidades no Brasil conheciam o futebol, e um número ainda menor delas o praticava com alguma regularidade. Levantamentos que realizamos em livros, arquivos e jornais de diversas cidades do país revelam o estranhamento que tal esporte poderia causar mesmo nas capitais. A rigor, em 1900 não existia no Brasil nenhuma liga de futebol e, portanto, nenhum campeonato. Jogava-se em locais improvisados, nas praias e parques, a exemplo do que observou Augustin (1995, p. 151) para o caso parisiense, antes da edificação de espaços especializados para a prática esportiva.

Quando o futebol inicia sua larga difusão planetária (1880-1900) encontra no Brasil um território fragmentado e com uma diminuta base urbana: menos de um décimo da população brasileira vivia em cidades em 1900. Segundo Milton Santos (1993, p. 26), “o Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por sua relação com o mundo exterior”. O autor afirma que a mecanização do território nacional a partir de meados do século XIX aumentou a fluidez interna, porém somente a partir de 1930 é que o território vai conhecer o início de sua integração efetiva, com uma urbanização cada vez mais envolvente.

Antes de 1920, a prática do futebol estava restrita a pequenos grupos da elite urbana, e por isso os primeiros estádios de futebol eram de pequeno

porte e ao mesmo tempo luxuosos, para abrigar a elite, em rituais elegantes de modernidade e cosmopolitismo. Equipamentos aristocráticos, localizados nas zonas mais nobres da cidade. Esta era a identidade social do futebol em seus primeiros momentos: símbolo de modernidade para as elites, que se consideraram capazes de adotar plenamente os novos hábitos europeus.

No Brasil do início do século XX prevalecia efetivamente a herança do sistema colonial, no qual as diferentes regiões mantinham-se praticamente isoladas no plano interno. (Santos, 1993) No âmbito do futebol, tal situação propiciou o surgimento de rivalidades locais (os chamados “clássicos”).⁴ Ao mesmo tempo, as principais cidades seguiam mantendo relativo isolamento entre si, de forma que os principais confrontos futebolísticos se davam no nível intra-urbano, e não interurbano, como se pode notar comumente no caso europeu.⁵ Desta forma, as identidades clubísticas se construíram no contexto das rivalidades intralocais, e não entre cidades ou regiões.

No Brasil, em suma, o território ainda não integrado determinou um processo de adoção do futebol multipolarizado e de forte base local, de forma que transcorreram muitas décadas até que fosse possível a realização de um campeonato de alcance nacional.

Distintamente do panorama europeu, os primeiros campeonatos de futebol no Brasil eram de caráter estritamente local, ocorrendo em São Paulo (1902), Bahia (1904) e Rio de Janeiro (1906), e embora fossem competições reunindo clubes de uma única cidade, autodenominavam-se “campeona-

4 Corinthians X Palmeiras, em São Paulo, Vasco X Flamengo no Rio de Janeiro, Atlético X Cruzeiro em Belo Horizonte, Sport x Santa Cruz, no Recife, Bahia x Vitória, em Salvador, Grêmio x Internacional em Porto Alegre, e tantos outros. Para além dos famosos confrontos metropolitanos poderíamos citar inúmeros exemplos, nas cidades médias: Comercial x Botafogo (o tradicional “come-fogo”), em Ribeirão Preto (SP); Brasil x Pelotas (“Bra-pel”) em Pelotas (RS); Caxias x Juventude (o “Ca-ju”) em Caxias do Sul (RS); CSA x CRB em Maceió (AL) etc.

5 A título de ilustração: na Espanha, o principal confronto nacional se dá entre o “centralista” Real Madrid e o catalão Barcelona; em Portugal, entre o Porto e o Benfica (de Lisboa); na Inglaterra, entre o Manchester United e o Liverpool, das cidades homônimas, ou Arsenal, de Londres; na Itália, entre a Internazionale de Milão e o Juventus de Turim. Nos campeonatos nacionais europeus, de um modo geral, cada clube pertence a uma cidade distinta. Na Espanha, neste sentido, o rei Alfonso XIII incentivou ou promoveu a fusão entre clubes rivais numa mesma localidade, criando, por exemplo, o Real Unión de Irún em 1915 (o próprio nome guarda a estratégia da união), o Real Club Celta de Vigo (1923), o Real Valladolid Deportivo (1928), entre outros. (Cf. Mascarenhas, 2001)

tos estaduais”. Nos anos 1920, a maioria dos estados brasileiros já possuía um campeonato de futebol, embora quase sempre concentrado na capital estadual. Tal concentração espacial dos competidores deve-se a diversos fatores, como a falta de rede viária articulada, de mercado suficiente nas cidades menores ou de maior difusão do futebol no interior. Durante a primeira metade do século XX, não obstante a imensa popularização do futebol, predominou em nossas terras este panorama fragmentado, altamente favorecedor da produção de fortes identidades locais.

O futebol se popularizou no Brasil a partir de 1930, tornando-se elemento da identidade nacional. Para isso, contou com a política nacionalista de Getúlio Vargas (1930-1945). A Copa do Mundo de 1950 é resultado desse processo de valorização política do futebol, e propiciou a construção do Maracanã, o maior estádio do mundo durante décadas. Nas duas décadas seguintes, praticamente todas as capitais e grandes cidades brasileiras construíram seus estádios gigantes, a maioria com apoio estatal. Tais estádios foram palco do primeiro campeonato nacional, em 1971. Começava então uma nova paisagem para o futebol brasileiro, e seu espaço vivido, agora como cultura de massa. Acompanhar um evento esportivo dentro de um estádio lotado e vibrante em seus cânticos de incentivo ou desafio pode ser uma vivência única, e Claval (1997, p. 99) nos lembra que “o ambiente sonoro (também) faz parte da imagem que guardamos dos lugares”.

No próximo segmento, para aprofundar nossa reflexão em torno das paisagens e identidades do futebol, vamos analisar a trajetória e inserção espacial dos dois principais clubes do futebol porto-alegrense, Grêmio e Internacional, que formam o famoso clássico “Gre-Nal”, este grande evento localmente referendado como expressão culminante do confronto entre as duas metades do Rio Grande do Sul.

O futebol na cidade de Porto Alegre (RS)

No final do século XIX, quando as primeiras notícias referentes à prática do futebol começam a chegar a então Província de São Pedro (hoje Rio Grande do Sul), seu território encontra-se em pleno processo de transformação. O principal vetor de expansão do povoamento encontra-se na me-

tade norte da província, ou, em outras palavras, no Planalto. Ali, levas de imigrantes europeus, com destaque para os alemães, vêm há décadas desmatando espaços virgens para, em bases minifundiárias, implantar a próspera policultura. Tal processo de ocupação vigorosa da região serrana permitirá a Porto Alegre desenvolver-se a passos rápidos e tornar-se importante centro industrial e comercial no início do século XX, embrião da futura metrópole regional.

Por outro lado, representando a “tradição” luso-brasileira e em contraposição ao setor moderno em expansão no Planalto, a Campanha, ou metade sul da província, mantém-se baseada no latifúndio pecuarista e relativamente estagnada, porém ainda aglutinando o poder econômico e político. Esta divisão social do Rio Grande do Sul em duas metades nos ajudará a entender a identidade que se forma em torno de seus dois principais clubes de futebol, o Grêmio e o Internacional.



Figuras 1 e 2: Dois clubes, duas metades do Rio Grande do Sul.

A origem do clube de futebol Grêmio em Porto Alegre está diretamente associada à poderosa comunidade germânica local. Logo no ano seguinte ao de sua fundação em 1903, o clube recebeu do Banco Alemão recurso suficiente para aquisição de terreno em valorizada zona da cidade, a fim de construir sua sede. Utilizava-se, como vestiário, as instalações do clube vizinho, o tradicional “Tiro Alemão”. (Ostermann, 2000) Todavia, a história oficial produzida pelo Grêmio não assume esta identidade teuta, posto que este, desde pelo menos a conjuntura do Estado Novo, vem adotando uma política de “desgermanização” de sua imagem.

Em suma, trata-se da reprodução, no âmbito particular do futebol, de uma situação que se generalizava na vida social da Porto Alegre de então, considerada por Paul Singer (1977) a “cidade dos alemães”. Situação que certamente desagradava a amplas parcelas da sociedade local, sobretudo as camadas médias aspirantes ao prestígio social, “herdeiras” do substrato luso/açoriano fundador da cidade, a reivindicar o espaço perdido para os novos imigrantes. Esta rivalidade étnica se baseava na tese da “inferioridade nativa” e se reproduzia por toda a sociedade gaúcha, através da difusão do discurso no qual o “colono europeu, agricultor, comerciante ou industrial, é empreendedor, *progressista*, e o pecuarista, de origem lusa, é retrógrado e conservador”. (Haesbaert, 1988, p. 70) Curiosamente, o qualificativo “europeu” se aplicava aos descendentes de famílias alemães, italianas e de eventuais outras nacionalidades, mas não aos descendentes de portugueses.

Neste contexto, a política de autosegregação germanófila suscitava reações de oposição e “ressentimentos entre os grupos menos cotados socialmente”. (Damo, 1998, p. 91) Para nossa pesquisa, a atitude mais significativa foi a fundação do Sport Club Internacional, em 1909, pois não se trata de apenas mais um clube porto-alegrense. O SC Internacional foi, ao que tudo indica, pensado e criado com clara finalidade de se opor abertamente ao Grêmio, então o principal clube de futebol da cidade. Diversos elementos nos servem de indícios:

1. A escolha do nome da agremiação, a sinalizar abertamente uma postura pluriétnica e cosmopolita, oposta ao caráter excludente do adversário;
2. O fato de ter sido fundado majoritariamente por indivíduos da classe média: funcionários públicos, comerciários, estudantes universitários ainda em busca de afirmação social, portanto sem o tom aristocrático de seu oponente;
3. A decisão insólita de escolher como primeiro local para prática esportiva um terreno alagadiço cedido pela municipalidade, junto à comunidade negra e pobre do bairro da Ilhota, localização

radicalmente oposta a do Grêmio, caracterizado pela nobreza e “branquitude”;

4. Ter a ousadia de definir as cores do clube inspirando-se na entidade carnavalesca Sociedade Veneziana (registre-se que na época o futebol era pensado seriamente como prática “higiênica” voltada para o aperfeiçoamento do caráter; suas vinculações com o carnaval e outras alegres manifestações populares no Brasil se generalizam somente a partir de 1930);
5. Decidir que a primeira partida da nova agremiação fosse justamente contra o Grêmio, numa espécie de “desafio suicida” (e, de fato, o clube foi humilhado pelo placar de 10 a 0, mas tratava-se, sobretudo, de marcar politicamente sua posição no cenário local);
6. O fato de já no ano seguinte se registrar a paralisação de uma partida Grêmio e Internacional, por desentendimento e agressões físicas entre os jogadores, algo inédito no elegante e pacífico ambiente *fair play* que caracterizava o futebol na época.

Em resposta imediata ao surgimento do rival, e ratificando sua condição de representante principal da elite porto-alegrense, o Grêmio inaugurou em 1910 um majestoso pavilhão social no requintado bairro Moinhos de Vento. Segundo Jean Roche (1969, p. 194), os bairros Moinhos de Vento e Independência formavam a zona mais nobre da cidade, moradia de empresários, engenheiros e diretores das fábricas, em sua maioria alemães.

O SC Internacional, ao contrário, vivenciava em seus primeiros anos graves problemas materiais, condição refletida em sua própria espacialidade marginal. Para fugir das inundações, o clube se transferiu para outra várzea, próxima à Colônia Africana (bairro miserável, aglomeração de barracos produzida pelos negros completamente marginalizados após o fim do escravismo, numa cidade cujo mercado de trabalho privilegiava o imigrante europeu).

Em 1919, quando se realiza o primeiro campeonato gaúcho de futebol, reunindo as principais agremiações de três cidades (Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre), o Grêmio amplia seu estádio, erguendo “arquibancadas” nos quatro lados do campo. E assim confirmava na paisagem urbana sua

hegemonia: era o único equipamento na cidade de porte e distinção condizentes com os estádios dos grandes centros futebolísticos nacionais (Rio de Janeiro e São Paulo) e mesmo internacionais (Buenos Aires e Montevideú). Mais um símbolo, portanto, da operosidade, liderança e riqueza da comunidade alemã. Paisagem da cultura dominante, posto que simbolizava o caráter elitista da liga de futebol e seu clube maior, expressão do poderio germânico na economia gaúcha.

O futebol seguia seu curso, no sentido de crescente aceitação e popularização. Em 1931, ao inaugurar seu novo estádio (o “Estádio dos Eucaliptos”), o Internacional dava um passo importante na afirmação de sua popularidade, por duas razões básicas: o equipamento localizava-se no subúrbio Menino Deus, enquanto seu rival mantinha-se em zona nobre, tendo como vizinho imediato o elegante hipódromo da cidade; em segundo lugar, seu novo estádio tinha capacidade de público superior ao do Grêmio, embora este se mantivesse como muito mais sofisticado e confortável, dotado de iluminação artificial e outros recursos propiciados pela maior capacidade financeira.⁶ A inserção de cada um desses estádios na estrutura urbana e sua própria arquitetura delineavam os contornos da diferenciada identidade clubística, que, por sua vez, expressava as linhas básicas de tensões na estrutura social local, relacionadas a questões étnicas e de diferente poder aquisitivo.

Numa cidade de tecido social profundamente hierarquizado, e no cenário ainda elitizado da principal liga futebolística local, os vastos contingentes excluídos formavam clubes marginais, sendo os negros pobres confinados à lendária Liga da Canela Preta.⁷ (Mascarenhas, 1999) Bem menos atrelado a valores elitistas que seu rival, coube ao Internacional, mais precisamente a partir de 1939, a iniciativa de recrutar maciçamente joga-

6 Diante deste contraste material, o antigo e acanhado estádio do SC Internacional era chamado pelos torcedores rivais de “chiqueiro”.

7 Esta liga existiu entre 1915 e 1930, aproximadamente. Desde o final do século XIX, com a abolição do regime escravista, formaram-se na periferia de Porto Alegre guetos de população negra recém-liberta e desempregada, com destaque para o bairro denominado Colônia Africana, como “um cinturão de cor em torno da cidade branca que se aburguesava lentamente”. (Pesavento, 1995, p. 84) Os negros formaram times e, excluídos da liga elitista, criaram sua própria, denominada Liga Nacional de Football Porto-alegrense, pejorativamente chamada pela imprensa burguesa de *Liga da Canela Preta*.

dores negros e pobres, oriundos do já consolidado futebol varzeano, para reforçar sua equipe. Em decorrência, conquistou na década seguinte nove dos dez campeonatos citadinos disputados.

Ao adotar jogadores negros e pobres, o Internacional se consolidou nos anos 1940 como o “clube do povo” de Porto Alegre. Na década seguinte, foi adotado como símbolo máximo do Internacional o saci, expressiva figura folclórica regional a representar a malícia e os poderes obscuros de uma negritude excluída. O futebol porto-alegrense ingressava em novo período, distanciando-se radicalmente do obsoleto tom aristocrático e elegante, para “carnavalizar” os estádios e neles inserir definitivamente o anonimato ruidoso das multidões. Nas palavras de Michel Conan (1994, p. 39), ritos sociais e simbolismos coletivos têm poder de resignificar a paisagem. Neste contexto de popularização do futebol, o estádio, enquanto paisagem e equipamento de uso coletivo, passou por uma intensa resignificação.

No bojo destas transformações, o Internacional redimensionara no plano simbólico o confronto com seu rival, que passa a ser visto como um clube branco, de elite e sobretudo racista, encastelado na área nobre da cidade, contra o adversário popular e negro, o carnavalesco “clube das massas”, democraticamente instalado no subúrbio Menino Deus. Esta redefinição do confronto entre os clubes chega, neste momento, a esboçar perigosos contornos de luta de classes: o majestoso estádio gremista representa um baluarte da tradição.

Mantendo-se fiel aos seus estatutos, o Grêmio persiste em recusar a inclusão de atletas negros até o ano de 1952, quando já não mais suporta o acúmulo de vitórias do inimigo direto, rompendo enfim com sua tradição racista.⁸ Neste mesmo ano, necessitando demarcar na paisagem urbana sua nova identidade, o Grêmio inaugura um novo estádio com grande capacidade de público (o Olímpico Monumental), desta vez em zona suburbana. Abandonou o pequeno e seletivo estádio anterior, equipamento tornado obsoleto na era do futebol como nova forma simbólica, inserido na nascente cultura de massas. Dois anos depois, o novo hino do clube,

8 Trata-se da contratação de consagrado atacante da seleção brasileira Tesourinha, negro porto-alegrense que anteriormente cumprira brilhante trajetória no Internacional, então atuando em importante clube do Rio de Janeiro.



Figura 3: O estádio Beira-Rio (abril de 2008).

de autoria de um negro, o maior compositor popular gaúcho, Lupicínio Rodrigues, ratifica o projeto de uma nova identidade clubística.

Em resposta, ainda no final desta década de 1950, o Internacional inicia a lenta construção de um estádio gigantesco, o Beira-Rio, no recente aterro do Lago Guaíba, em terreno doado pelo poder público estadual, quando gerido por um partido populista. O equipamento foi inaugurado em 1969, com capacidade para abrigar 110 mil espectadores, sendo até hoje um dos maiores estádios do Brasil. Será uma dos estádios da Copa do Mundo de 2014.

Em escala mundial, o processo recente de reorganização do futebol vem redefinindo a espacialidade e a identidade dos clubes. A desvalori-

zação dos tradicionais campeonatos locais no Brasil (base histórica da identidade dos clubes), em favor de certames mais lucrativos, de âmbito nacional ou internacional (como a Copa Libertadores da América), arrefece o grau e o teor “nativo” da rivalidade clubística. (Mascarenhas, 2004) Os atletas não mais se vinculam emocionalmente a um clube, migrando constantemente. Os estádios, esvaziados por fatores diversos (recessão, transmissão de partidas na TV e problemas de segurança urbana), já não representam, como outrora, a paisagem-matriz quase exclusiva da paixão pelo futebol, diante da emergência da figura geograficamente desenraizada do “pós-torcedor”. (Giulianotti, 2002)

Grêmio e Internacional na atualidade possuem igualmente grandes estádios (o estádio Olímpico foi ampliado em 1982), de arquitetura e uso social similares, ambos localizados em zona de classe média-baixa. Ambos contam com adeptos entre a população afro-descendente e nas camadas sociais desfavorecidas, embora o conteúdo simbólico aqui apresentado seja periodicamente relembrado, compondo o próprio folclore do clássico “Gre-Nal”. Novos formatos sociais do futebol, identidades redefinidas e uma nova paisagem na cidade.

Conclusão

Segundo Albrecht Sonntag (1998, p. 36), nesta era de estruturas globalizadas e “pós-nacionais”, o futebol comparece como veículo privilegiado de reconhecimento da imagem da nação, de seu valor e seu significado. Neste sentido, o diretor do IRIS (Institut de Relations Internationales et Stratégiques), Pascal Boniface (1998), sustenta que o futebol tornou-se um importante elemento constitutivo das relações internacionais, que já não podem ser resumidas às questões diplomáticas entre Estados.

Em síntese, ao longo de décadas, o futebol em Porto Alegre foi deixando de ser um *hobby* esporádico, modismo de jovens aristocráticos, para ganhar visibilidade e se tornar uma verdadeira instituição, fenômeno social de amplo significado e aceitação. Nesta metamorfose, foi deixando de ser um ritual inglês higiênico eventual para ir incorporando as tensões e as características do lugar que o absorveu. Em particular, o clássico *Grenal*

assume significados que expressam o jogo de forças sociais em ação. Num primeiro momento, representa o descontentamento e a reação dos setores médios urbanos para com a hegemonia alemã na capital. A seguir, com a expansão do raio de influência do Internacional em direção à Campanha, incorpora o conflito tradição x modernidade, expressão da própria dualidade do espaço gaúcho, dividido entre a tradicional zona latifundiário-pastoril luso-brasileira e a emergente zona colonial ítalo-germânica agro-industrial. A partir de 1930, com a plena popularização do futebol, o clássico vai incorporar novas tensões, assumindo feições de luta de classes: o “time dos patrões” contra o dos negros e operários da cidade. A partir de 1950, verifica-se um processo de diluição gradativa destas diferenças. Todo este processo de mutação da forma simbólica do futebol se expressa na paisagem urbana.

Ao longo deste processo, o futebol foi se espacializando progressivamente e produzindo suas paisagens na cidade. Cosgrove e Jackson (2003) nos alertam para o caráter plural e mutante da paisagem contemporânea, bem distinta da paisagem estável das sociedades pré-modernas estudadas pela Escola de Berkeley. Tentamos demonstrar como a forma simbólica futebol, através de dois grandes clubes, foi incorporando novos sentidos e significados, imprimindo-os em sua paisagem mutante. Tentamos também decifrar a teia de significados tecida pelos torcedores e demais agentes envolvidos com o futebol, para compreender sua lógica interna, que reproduz na rivalidade do clássico “Gre-Nal” tensões e tradições locais.

Argumentamos que a história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente. Sua espacialidade mutante se insere e participa na/da lógica mais geral que anima e organiza o lugar. Por trás de todo este imenso movimento anônimo de atores que se associam com finalidade de praticar ou assistir o futebol, esta poderosa e extensa teia de significados, há certamente uma geografia a ser desvelada. E paisagens sendo elaboradas, reelaboradas e resignificadas.

Referências

- ANDREOTTI, G. La géographie culturelle italienne: orientations de recherches. *Géographie et Cultures*, n. 64, p. 7-34, 2007.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre. *Sport, géographie et aménagement*. Bordeaux: Nathan, 1995.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre. *Géographie du sport, spatialités contemporaines et mondialisation*. Paris: Armand Colin, 2007.
- AUGUSTIN, Jean-Pierre; DUPONT, Louis. Introduction. *Géographie et Cultures*, n. 55, p. 4-5, 2006.
- BALE, John. *Sport, Space and the City*. New York: Routledge, 1993.
- BALE, John. *Landscapes of Modern Sports*. Leicester: Leicester University Press (UK), 1994.
- BALE, John. Virtual fandoms: “futurescapes” of football. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, n. 10, mayo 1998.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.
- BERQUE, Augustin. Paysage, milieu, histoire. In: BERQUE, A. et al. (Dir.). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Valon, 1994. p. 13-29.
- BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. *L'Espace Géographique*, v. 13, n. 4, p. 33-34, 1984.
- BIRLEY, Derek. *Playing the game: Sport and British Society, 1910-45*. Manchester and New York: Manchester University Press, 1995.
- BONIFACE, Pascal. *Géopolitique du football*. Paris: Editions Complexe, 1998.
- BROMBERGER, C. *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris: Bayard, 1998.
- CONAN, Michel. L'invention des identités perdues. In: BERQUE, A. et al. (Dir.). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Paris: Champ Valon, 1994. p. 33-49.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORREA, R.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146.
- COSTA, A. da S. **Football et mythe: la fonction symbolique du football à travers la presse sportive de masse**. Tese de Doutorado, Univ. Catholique de Louvain, 1987.
- DAMO, Arley S. **Para o que der e vier**. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Gremio de Football Portoalegrense e seus torcedores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRGS, 1998.
- DEMANGEON, Albert. **L'Empire Britannique: étude de géographie coloniale**. Paris: Librairie Armand Colin, 1938.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. The soccer stadium as a disciplinary space. **Revista Esporte e Sociedade – revista digital**, v. 1, n. 1, nov. 2005-fev. 2006.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **RS: Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- HUGHSON, John. Soccer support and social identity: finding the “thirdspace”. **International Review of Sociology of Sport**, n. 33/4, p. 403-409, 1998.
- MASCARENHAS, Gilmar. Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: entre a tradicional base local e as forças do mercado. In: GARGANTA J.; OLIVEIRA J.; MURAD M. (Org.). **Futebol de Muitas Cores e Sabores**. Porto (Portugal): Universidade do Porto/Campo das Letras, 2004. p. 87-101.
- MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. 2001. Tese (Doutorado em Geografia), FFLCH, Universidade de São Paulo, 2001.
- MASCARENHAS, Gilmar. O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS). **Anos 90**, Revista de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, n. 11, p. 144-161, julho 1999.
- MASCARENHAS, Gilmar. Semeando no deserto: a cidade e o futebol em Pierre Monbeig, **Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**, vol. 1, p. 53-60, Rio Claro, UNESP, 1999b.
- MERCIER, Joseph. **Le Football**. Paris: Presses Universitaires de France, 1966 (Collection *Que sais-je ?*).

- OSTERMANN, Rui Carlos. **Até a pé nós iremos**: Grêmio de Foot Ball Porto Alegrense. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- PESAVENTO, Sandra J. **Os excluídos da cidade**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional, 1977.
- SONNTAG, Albretch. Le football, image de la nation. In: BONIFACE, P. (Org.). **Géopolitique du Football**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1998.